

O Muro é a Notícia: o Discurso da Ordem e o Ecolimite do Santa Marta

The Wall is the News: Discourse of Order and Eco-limits in the Santa Marta Favela

Ana Brasil Machadoⁱ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Os ecolimites foram significados de diferentes maneiras em um intenso debate público, onde o discurso da ordem apareceu com relativo destaque. No Morro de Santa Marta, localizado no bairro de Botafogo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, o muro ganhou visibilidade e se coadunou com outras ações do poder público no intuito de modificar a morfologia da favela. Esses empreendimentos, baseados em imagens da favela, da cidade, da floresta e do muro, projetam uma reordenação espacial, ressignificando as relações entre as diferentes ordens espaciais colocadas em jogo pela construção dos ecolimites. O objetivo aqui é discutir esse novo cenário, considerando a ideia de ordem como elemento estruturante, a partir de notícias veiculadas no jornal *O Globo*.

Palavras-chave: ecolimite, muro, ordem, Santa Marta.

Abstract: In public policy concerning the Santa Marta favela, located in the southern Rio de Janeiro, eco-limits have different meanings to different actors resulting in intense debate. A limiting wall designating the eco-limits to expansion of the favela gained visibility and joined other state actions attempting to change the slum's morphology. These actions are based on images of the favela, the city, the forest and the wall which project spatial reordering. The relations between different spatial orders are re-signified as they are put into play by the construction of eco-limits. The purpose of this paper is to discuss this new scenario, suggesting that the idea of order as a structural element is a key concept at work in journalistic accounts published in the *O Globo* newspaper.

Keywords: eco-limits, wall, order, Santa Marta.

Introdução

Em dezembro de 2008, e mais marcadamente a partir de janeiro de 2009, foi divulgado um projeto para a cidade do Rio de Janeiro intitulado ecolimites. Tratavam-se de muros com altura de aproximadamente três metros que deveriam ser instalados nos limites de algumas favelas selecionadas pelo poder público, notadamente, o governo do

ⁱ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, anabrgeo@gmail.com.

estado e a prefeitura. Esses limites teriam como função declarada a contenção da expansão das favelas por sobre as áreas verdes da cidade. Com o projeto, deveriam ser substituídas as antigas demarcações descontínuas também chamadas ecolimites, instaladas em 2001. A primeira favela a receber o muro foi a do Morro de Santa Marta, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, com um muro de cerca de seiscentos metros finalizado em 2009.

O ecolimite do Santa Marta foi construído antes mesmo da publicação de uma legislação específica. Mais precisamente, o erguimento desse limite funcionou mesmo como justificativa para o Projeto de Lei 245/2009 da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, publicado em 1º de julho de 2009. Além de prever uma série de exigências à implementação desses marcos, como aprovação da Secretaria de Meio Ambiente e elaboração de Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental, propôs um plebiscito para impedir a forma muro como limite entre as reservas florestais escolhidas e o centro urbano, sugerindo, como alternativa, placas, ciclovias e áreas de lazer (RIO DE JANEIRO, 2009).

O instrumento legal em questão aludiu à intensa discussão acerca dos ecolimites, destacando os muitos desacordos:

A notícia de que muros seriam erguidos em volta das favelas cariocas não demorou a ser criticada pela sociedade e por grandes nomes de defensores de direitos humanos. O debate se estendeu e ganhou destaque internacional, inclusive na ONU. Vários jornais noticiaram o debate instalado no âmbito da sociedade civil em função dessas polêmicas. A diferença entre as opiniões justifica uma regulamentação mais detalhada e cuidadosa da questão. Ao que tudo indica, a população carioca encontra-se indecisa quanto à construção dos ecolimites, de modo que uma legislação específica sobre assunto contribuirá para a solução desse tema. (ibidem)

Mesmo nos periódicos, considerados muitas vezes como pregadores de uma verdade única, o tema dos ecolimites foi divulgado de uma forma tal que diferentes opiniões tiveram lugar, que os debates puderam aparecer, que uma trama pode se dar, sem, todavia, compreender todos os dizeres acerca dos muros (e seria possível fazê-lo?). Muitos são os significados colocados em jogo no dizer e fazer ecolimite, muro, favela, floresta, cidade. São diversos os valores e juízos que se justapõem, se contrapõem, reforçam, criticam, ridicularizam, contestam para a construção de imagens da cidade. Quais são as ações e comportamentos, significados e lógicas, colocados em disputa na construção do ecolimite da favela Morro de Santa Marta? Como essa favela, a cidade formal e os fragmentos florestais são requalificados, reordenados, revalorizados pela introdução de um novo objeto espacial, ações e significados imbricados?

O presente artigo tem como objetivo a discussão de um dos possíveis significados atribuídos ao muro ou ecolimite do Santa Marta. Esta discussão parte da classificação dos significados identificados a partir de artigos de jornal em eixos discursivos, o que foi realizado em um trabalho anterior (MACHADO, 2009). Foram três os tipos discursivos construídos por figurarem constantemente no embate em torno do muro em questão.

O primeiro eixo pode ser definido como o da relação entre cidade e natureza ou floresta. O projeto dos Ecolimites foi divulgado com o intuito de conter a expansão das favelas sobre as áreas verdes. Nesse caso, é a presença humana o que pressiona a floresta, impõe perigo, inspira cuidados. Esse discurso é constantemente mobilizado para justificar,

dar sentido à construção dos ecolimites. O segundo trata dos debates acerca da segregação, incluindo aqueles que afirmam que o muro é discriminatório e aqueles que não veem qualquer intenção segregadora na construção do ecolimite. O embate sobre esse tipo de enunciado foi bastante divulgado na mídia, tendo como participantes personagens das mais diversas áreas, como José Saramago, escritor português, Anthony Garotinho, político fluminense, além de representantes das associações de moradores envolvidas com a construção dos ecolimites. Algumas vozes afirmam que a decisão de construir muros para limitar o crescimento das favelas sobre as áreas verdes tem uma falsa justificativa. O discurso ambiental é questionado como forma de “encobrir” uma política que não é interessada em tratar da questão da pobreza e da desigualdade. O terceiro e último eixo discursivo abarca os discursos que tratam da ordem e do ordenamento público associado ao espaço urbano. Este último eixo é o foco das próximas páginas.

A partir da explicitação do objetivo, tomamos o conceito de *cenário* proposto por Gomes (2008a e 2008b). Esse conceito nos é útil porque opera com três esferas indissociáveis no entendimento do espaço, ou arranjo espacial: a esfera material, do arranjo físico dos objetos; a esfera das ações; e a esfera dos significados. De acordo com Gomes (2008b, p.200), “[...] queremos a partir da palavra *cenário* reconectar a dimensão física às ações, ou, em outras palavras, queremos associar os arranjos espaciais aos comportamentos e, a partir daí, poder interpretar suas possíveis significações”. O *cenário* se constitui, portanto, como principal instrumento teórico-metodológico desta investigação. Isso porque nos permite trabalhar sistematicamente com essas três esferas, entrelaçando-as para a análise conjunta em direção ao entendimento da organização espacial que se configura com a construção do muro na favela em questão.

O Debate Público: o Muro do Santa Marta é Notícia

No intuito de recolher alguns significados acerca do muro, optou-se pela utilização das notícias veiculadas pelo jornal *O Globo*. Esse periódico é divulgado também em formato digital em um portal eletrônico que integra outros veículos associados, como o jornal *O Extra* e blogs de diversos colonistas. Assim, julgamos que a consulta na internet pode nos oferecer uma maior quantidade de notícias, além de apresentar viabilidade, considerando os custos para a pesquisa.

Mas por que escolher *O Globo*? Trata-se de um jornal de grande circulação em todo o país e, notadamente, na cidade do Rio de Janeiro, onde se localiza nosso objeto de estudo. Mas não é apenas sua grande divulgação que nos motiva a tomá-lo como fonte para o trabalho. Esse veículo de comunicação vem dedicando bastante espaço a questões relacionadas à reestruturação da cidade e ao binômio ordem/desordem urbana. Desse modo, o jornal ressaltou a discussão acerca dos ecolimites com manchetes, publicação da opinião de leitores e diversas reportagens.

Contrariamente ao que se supõe, o jornal escolhido não apresentou uma versão monolítica dos ecolimites. Não cantou em unísono sua opinião coerente e acabada, mas abriu espaço a diferentes interpretações dos muros. Evidentemente, não convidou todos os significados e também não centralizou o debate. No entanto, foi capaz de mostrar que há um embate de significados, de juízos sobre a construção dos ecolimites. Dessa forma, o jornal

aparece não como um transmissor de notícias, mas como lugar de uma discussão pública (HABERMAS, 1986, p.128), uma arena de interação discursiva¹ (FRASER, 1992, p.110).

A pesquisa foi realizada no site de *O Globo*² e foram utilizadas duas palavras-chave no mecanismo de busca, com o intuito de identificar as notícias relativas ao nosso objeto de estudo: “ecolimite” e “muro”. Como esperado, muitos outros artigos que continham a palavra “muro” foram encontrados. Contudo, muitos não estavam relacionados aos ecolimites. Isso pode ser reconhecido com a leitura da manchete ou do primeiro parágrafo do artigo. Assim, as primeiras notícias consideradas datam de dezembro de 2008, e as últimas tomadas em conta foram publicadas no mês de novembro de 2010.

A partir de uma análise qualitativa do conteúdo de cada um dos artigos foi possível destacar alguns trechos considerados importantes, os quais permitiram a investigação acerca das três esferas do conceito de cenário. As notícias selecionadas forneceram informações sobre a forma material do ecolimite e sobre sua localização, de uma primeira identificação das ações realizadas no Morro de Santa Marta, bem como das ações relacionadas e do apontamento de eixos discursivos ou grandes tipos de significação relativos ao ecolimite, à favela, às áreas verdes, ao asfalto.

Dessa forma, acreditamos poder reconstruir parcialmente as discussões publicizadas acerca de nosso objeto. E dizemos *reconstruir* porque não se trata de reproduzir fielmente a discussão, mas de constituí-la em um outro momento, o da pesquisa. Há, evidentemente, a impossibilidade de acessar todo e qualquer discurso colocado no mundo, mas esse não é mesmo o objetivo. A partir do material recolhido, pretendemos criar uma disputa, colocar em embate significados do muro do Santa Marta, tramar esse objeto aos seus significados e ações relacionados.

Santa Marta ou Quanto Mais Ordem Melhor

O Projeto dos Ecolimites não corresponde à única intervenção do poder público realizada no Santa Marta recentemente. Não pretendemos discurrir detalhadamente sobre cada uma das iniciativas do poder público na favela, mas apenas apontá-las no intuito de demonstrar que a edificação do ecolimite se apresenta como uma parte dos esforços para mudanças na favela, se constitui como uma das ações gerenciadas pela prefeitura municipal e pelos governos estadual e federal para a reordenação espacial no morro.

Em novembro de 2008, teve início no Santa Marta um processo conhecido como “pacificação”, que tencionou expulsar os traficantes da favela e permitiu a entrada do policiamento militar. Foi criada então uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), a primeira experiência desse tipo na cidade. Esse programa de pacificação já se encontra em operação em outras favelas, tornando o Santa Marta uma espécie de exemplo a ser seguido na reconquista pelo estado de territórios comandados por facções criminosas ligadas às atividades do narcotráfico.

O Santa Marta, ou Dona Marta,³ é alvo do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promovido pelo governo federal, tendo o governo estadual como colaborador. Esse projeto viabilizou, por exemplo, o plano inclinado que liga a parte baixa da favela ao alto do morro e a pintura externa de algumas casas. Projetos de urbanização e iluminação também lá tiveram lugar e foram realizados pela Empresa de Obras Públicas do Estado do

Rio de Janeiro (EMOP). A partir daí, empresas como a Light puderam passar a operar como no “asfalto”, cobrando tarifas e regularizando os serviços.

Essas práticas espaciais parecem revelar uma grande preocupação reconhecida pelo poder público acerca da ordem. O ordenamento público deve ser realizado, e para isso é preciso ordenar o espaço urbano. Essa qualidade da ordem está intimamente ligada então à reorganização do espaço, neste caso, o da favela. Mas qual é o papel do ecolimite nesse contexto de “ocupação” da favela pelo estado? Parece-nos que esse muro, enquanto objeto espacial, participa da organização do espaço do Santa Marta, produzindo um rearranjo na forma da favela, mas também nos comportamentos e, principalmente, nos significados associados diretamente ao muro, à floresta, à cidade formal e à favela.

Esses programas, projetos ou ações do estado podem ser pensados enquanto *práticas espaciais* nos termos propostos por Corrêa (2003, p.35), ou seja, como um “[...] conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais” (CORRÊA, 2003: 35). O autor continua, afirmando que essas práticas decorrem das percepções que cada grupo tem da diferenciação espacial e das técnicas disponíveis em seu tempo. Isso parece bastante importante no caso do muro, já que ele é parte do entendimento de diferenças entre organizações espaciais no Rio de Janeiro: um primeiro par que opõe natureza e cidade, e um segundo que diferencia cidade formal ou asfalto e cidade informal ou favela.

Se as práticas espaciais resultam da consciência da diferenciação espacial, de outro lado são ingredientes através dos quais a diferenciação espacial é valorizada, parcial ou totalmente desfeita e refeita ou permanece em sua essência por um período mais ou menos longo. (ibidem).

É importante ressaltar a mobilização do discurso da ordem pela prefeitura e também pelo governo do estado. Nesse sentido, ações como o “choque de ordem” que intervêm nos espaços públicos da cidade, a pacificação nas favelas, os intentos urbanizadores sobre algumas favelas e a criação de uma Secretaria da Ordem Pública indicam a importância da reorganização espacial do tecido urbano para o ordenamento público. E é nesse discurso de ordenação, na significação da cidade enquanto espaço a ser reconquistado e reordenado que vamos nos deter. O combate à desordem pública parece ser uma questão crucial na cidade do Rio de Janeiro antes mesmo das atuais gestões municipal e estadual. Castro e Teixeira (2008, p.96) se referem à CPI da Desordem Urbana e definem os termos do debate:

A ideia de desordem está contida nas críticas à expansão das favelas, à invasão das calçadas e de outros logradouros públicos pelo comércio ambulante, pelas mesas e cadeiras de bares e restaurantes, à circulação de vans não licenciadas para transporte de passageiros, além da população de rua, que ocupa calçadas, praças e jardins.

Nas notícias e artigos considerados sobre os ecolimites foi possível perceber a recorrência de um tipo de discurso que foi generalizado como “discurso da ordem”. Esse eixo foi constituído por enunciados que afirmam a importância do ordenamento e da regularização do espaço urbano. É bastante perceptível a utilização de verbos que indicam uma ideia de ordem e um valor positivo para as ações de ordenamento público, tais

como impedir, fiscalizar, combater, conter, demarcar, controlar, organizar, urbanizar, regularizar, monitorar, limitar e legalizar, quase sempre relacionados à atuação do estado sobre as favelas. Essas ações devem se opor à invasão, à desordem, à irregularidade, à ilegalidade e à expansão.

O discurso da ordem não está ligado somente à construção do ecolimite no Santa Marta. Isso porque as diversas ações empreendidas nessa favela parecem estar orientadas para o ordenamento. A favela e seus moradores devem, para esse tipo de discurso, obedecer às leis, transformar comportamentos, regularizar seu funcionamento, operar como no asfalto. A favela precisa, sobretudo, estar contida, limitada, para que não se expanda rumo à mata, não infringindo as leis de proteção ambiental e não levando sua desordem a outras áreas.

Com isso, podemos dizer que o ecolimite atua na fundação da ordem no Santa Marta em pelo menos dois sentidos. Em primeiro lugar, o muro impede o crescimento horizontal da favela, procura limitá-la, fazê-la cumprir normas, leis. Nesse sentido, a ordenação estaria ligada à ideia de legalização. Em segundo lugar, o ecolimite ordena porque distingue, limita claramente ou cria duas ordens espaciais: a floresta (mata, áreas verdes, natureza) e a cidade (mesmo que se trate dessa cidade ainda não tão legal, mas que se pretende integrar à cidade formal).

Um Cenário para o Muro

A partir da descrição da dimensão material do muro, das ações a ele associadas e de alguns dos significados que foram colocados em disputa por meio das notícias do portal *O Globo*, apresentamos uma narrativa que tenta responder à imbricação desses três elementos, o cenário. É proposto a seguir um conjunto de fases, desde um momento anterior à construção do ecolimite até o prognóstico de um momento posterior, produzido pelas imagens da cidade, do muro, da favela e das áreas verdes trazidas à baila.

Partimos da ideia de que existe uma diferenciação entre a cidade e a floresta. Essa diferença é expressa quando se diz que o Rio de Janeiro é fruto de uma combinação de cidade grande com a exuberância da Mata Atlântica. Trata-se de uma espécie de marca, de identidade, de imagem forte do Rio. Portanto, deve haver contato entre essas duas ordens espaciais distintas (Figura 1). Ou seja, o contato entre a cidade e a floresta tem um significado positivo, é valorizado.



Figura 1 – O limite entre a floresta e a cidade

No entanto, existe outra diferenciação ou outro limite que compõe esse cenário. É aquele que separa a cidade formal da informal, ou o “asfalto” da favela (Figura 2). Esse limite relaciona-se a morfologias, ações, significados e imaginários diferentes relativos a essas duas ordens espaciais.



Figura 2 – O limite floresta-cidade e o limite cidade-favela

As ações já realizadas ou que são julgadas necessárias no Santa Marta ou em outras favelas têm por base o reconhecimento dessas diferenças na forma física, nas ações e valores. Portanto, as ações devem ser diferentes, a polícia deve agir de outra forma, certas obras devem ser feitas. A favela tem outro significado, não apresenta o mesmo valor que a cidade formal. Inspira medo, insegurança, repúdio; pode ser considerada como um espaço da marginalidade, da ilegalidade, mas que se trama ao espaço dos trabalhadores, da honestidade. De acordo com alguns discursos, a favela se expande rumo à floresta, leva sua desordem a novas áreas. Nesse sentido é que esse espaço deve ser controlado, limitado, impedido de crescer, sendo a construção do ecolimite a estratégia para solucionar esse problema urbano (Figura 3). O ecolimite é um limite entre a favela e a floresta, ou seja, entre uma parte específica da cidade e as áreas verdes. Dessa forma, a diferença entre a favela e a cidade formal se faz presente e é reforçada.



Figura 3 – O ecolimite no contato entre a favela e a floresta

Entretanto, as ações promovidas pelo poder público parecem ter o intuito de diluir esse limite. As obras do PAC, as obras de iluminação e urbanização, a entrada da polícia no Santa Marta, a oferta de internet sem fio no morro; essas iniciativas parecem objetivar uma certa integração desse espaço favelado à cidade formal a partir da atenuação das diferenças entre suas morfologias. Tendo êxito, essas ações, hipoteticamente, levariam à extinção do nosso segundo limite (favela-cidade).

A construção do muro tem, por sua vez, a proposta de preservar a floresta. De certa forma, objetiva a preservação da imbricação entre cidade e floresta e, portanto, a preservação da própria identidade da cidade. Em última instância, idealmente, o muro seria capaz de dissolver o limite entre a cidade e a floresta porque garantiria a imagem do Rio enquanto essa mistura, tornando a cidade uma espécie de unidade harmoniosa e sem limites, como ilustra a Figura 4.



Figura 4 – A dissolução dos limites

Algumas Considerações sobre o que Vemos Quando Olhamos o Muro do Santa Marta

São muitas as ações já executadas ou em curso na favela em questão: pacificação, implantação de serviço de internet sem fio, obras de iluminação, urbanização e construção do ecolimite. Essas práticas espaciais acham-se imbricadas, tanto por se concentrarem no Santa Marta como por fazerem parte de uma proposta de governo que vem sendo implementada na cidade do Rio de Janeiro, principalmente pela prefeitura municipal, mas que parece contar com a participação dos governos estadual e federal. Essa proposta foi identificada como “ordenamento da cidade”. Mais precisamente, as práticas que vêm sendo adotadas estão voltadas para a implementação da ordem no espaço urbano com vistas a atingir a ordem pública. As ações no Santa Marta, bem como em outras favelas, se coadunam com outros empreendimentos, como o “choque de ordem” nas ruas e praias e a criação de uma Secretaria Especial de Ordem Pública.

Segundo Romm (1992), para os gregos antigos, a falta de limites e a não diferenciação ligavam-se à desordem, ao caos, ao imundo. Assim, entendemos que a criação de limites e, mais especificamente, a construção de muros e muralhas participam da tentativa de ordenamento, de organização do espaço. No caso do ecolimite do Santa Marta, o reforço

ou criação de duas ordens distintas está ligado a esse par “sociedade e natureza” ou “cidade e floresta”. Pelo entendimento de que se tratam de duas organizações espaciais diferentes, com funcionamentos e lógicas distintos, é que se pode separar essas duas unidades ou mesmo criá-las enquanto elementos distintos entre si, gerando um cenário de maior estabilidade, clareza, ordem.

O discurso da ordem mostrou-se bastante recorrente e possuidor de um valor positivo, já que um muro seria capaz de dar segurança, tornar mais estável a instabilidade advinda do contato não controlado. O caos, a desordem urbana, o movimento, a expansão, o incontrolável, o espontâneo, a informalidade, a favela, segundo esses discursos, precisam ser contidos. É nesse sentido que percebemos uma convergência na materialidade construída, nas ações ordenadoras e nos significados que valorizam positivamente o ecolimite. Os muros, objetos espaciais tão presentes na história das cidades e dotados dos mais diversos significados, erguidos pelos mais diversos valores, são retomados no Rio de Janeiro e concorrem para uma reorganização das relações entre a favela, a cidade formal e a floresta, ou seja, para a organização de um novo cenário.

O Morro de Santa Marta parece ser um alvo preferencial dessas ações do poder público, talvez pela posição de destaque na Zona Sul do Rio de Janeiro, talvez por seu tamanho reduzido ou ainda pela mobilização histórica de seus moradores. O Santa Marta se transformou em uma espécie de favela-modelo, comunidade-padrão, laboratório social, um molde a ser seguido em outras favelas, um lugar paradigmático. A conjunção das ações possibilitou um aumento na visibilidade do morro, fazendo com que este se tornasse assunto de interesse comum, objeto do debate público, manchete de jornal. Ao mesmo tempo, o Santa Marta foi capaz de conceder visibilidade àquilo que lá se instalava. Teria um muro tanta repercussão se fosse construído em outro lugar? O ecolimite precisava ser visto (muito embora já tenha que se esconder em outras favelas): tem quase três metros de altura, é um paredão de concreto, localizado na Zona Sul, na favela-modelo. Estar no Santa Marta atribui significado, qualifica, confere notoriedade, visibilidade, sua localização faz virar notícia.

Referências Bibliográficas

CASTRO, I. E.; TEIXEIRA, A. Imagens públicas da desordem no Rio de Janeiro: uma nova ordem ou o “ridículo de Pascal”? *Revista Cidades*, v.5, n.7, 2008a, p.93-107.

CORRÊA, R. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I.; GOMES, P.; CORRÊA, R. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FRASER, N. Rethinking the Public Sphere: a Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. In: CALHOUN, C. *Habermas and the Public Sphere*. London: MIT Press, 1992, p.109-42.

GOMES, P. C. Cenários da vida urbana: imagens, espaços e representações. *Revista Cidades*, v.5, n.7, 2008a, p. 9-14.

Machado, A. B.

_____. Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008b, p.187-209.

HABERMAS, J. La esfera de lo público. *In*: HERRERO, F.X. [et al.], compilación de Francisco Galván Díaz. *Touraine y Habermas: ensayos de teoría social*. México: Universidad Autónoma de Puebla; Universidad Autónoma Metropolitana de Azcapzalco, 1986, p.123-30.

MACHADO, A. B. *Em cima do muro: um cenário para o ecolimite do Santa Marta*. Rio de Janeiro, 2009. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geografia/IGEO/UFRJ.

RIO DE JANEIRO. Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Projeto de Lei 245/2009, 1º de julho de 2009. Disponível em: <http://www.camara.rj.gov.br/controle.php?m1=ativ_parlamentar&m2=mtram&m3=prolei&url=http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro0711.nsf/Internet/LeiInt?OpenForm>. Acesso em: 9 jun. 2011

ROMM, J. *The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration and Fiction*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

Recebido em 01/07/2011

Aceito em 24/09/2011

¹ Nancy Fraser discute a ideia de esfera pública em Habermas, identificando esse caráter da interação discursiva, fazendo, porém, críticas às condições de acesso à essa esfera, de participação paritária, de unidade/unicidade da esfera, à definição de preocupações comuns, à possibilidade de afastamento dos interesses particulares dentre outras.

² www.oglobo.globo.com

³ A favela Santa Marta também é conhecida como Dona Marta. Oficialmente, o morro é denominado Dona Marta, e a favela (considerada atualmente como uma ex-favela pela prefeitura do Rio de Janeiro), Morro de Santa Marta.